

Candidatos lutam contra voto nulo

A campanha pelo voto nulo está nas ruas de Brasília. Não se pode dizer que seja uma campanha forte, ou que esteja tendo sucesso, mas ela existe. Está nos **outdoors** abandonados por ordem do TRE para coibir o abuso do poder econômico. Está no centro acadêmico de comunicação do Ceub, na pessoa do estudante Ricardo Maia. Está num grupo dos paritidários da formação do Partido Verde. Está também em outros lugares.

No Brasil, ao contrário de outras nações melhor estruturadas politicamente, o voto é obrigatório. Não é possível deixar de comparecer às urnas sem correr o risco de sofrer as sanções legais previstas para o cidadão insubordinado. Cinquenta por cento mais um votos nulos são suficientes para tornar a votação sem efeito, devendo ser convocada nova eleição.

Os candidatos à Constituinte por Brasília são, é claro, contra o voto nulo. Somente os votos válidos os elegerão em 15 de novembro. E mesmo os mais progressistas acham que a obrigatoriedade deve ser mantida, "pelo menos por enquanto", pelo menos até que a democracia brasileira seja uma instituição estável, não sujeita a chuvas e trovoadas anarquistas.

Pompeu de Souza, candidato ao Senado pelo PMDB considera a atitude do voto nulo uma traição do cidadão a si mesmo, "embora compreenda as razões do fenômeno". Para Pompeu, explica-se o voto nulo pela falência das instituições democráticas ao longo dos últimos 20 anos, com um Executivo todo-poderoso e uma oposição dizimada politicamente, inoperante e desmoralizada, com raras exceções.

Lauro Campos, candidato ao Senado pelo PT também é contra o voto nulo, embora reconheça que quem o prega "deve ter suas razões". Entre estes motivos talvez estejam, para o candidato petista, "o baixo nível dos candidatos" e a cooptação que o poder econômico consegue em alguns casos.

"O voto livre é um ideal a ser atingido", mas, no momento atual, para Lauro Campos, a obrigatoriedade do voto tem um caráter pedagógico que servirá para criar na população o hábito de comparecer às urnas sempre que for chamada. Se houver grande número de votos nulos, isso poderá não ser um indicio de que a campanha pelo anulação teve sucesso: "A cédula é muito complicada e nos testes que têm sido realizados temos visto que há muitos erros de preenchimento".

O candidato a senador pelo PDS, Acyr Pitanga Seixas, não tem o observado grande movimentação pelo voto nulo, mas sabe que existe uma campanha neste sentido, que considera "a mais impatriótica" de que se tem conhecimento, principalmente pelo momento em que ela se desenvolve. "Estamos vivendo um período em que a população anseia por mudanças políticas".

Heitor Reis, do PFL, é igualmente contra o voto nulo. "Se a gente luta a vida inteira por democracia, não vai querer agora que ela acabe através do voto anulado". Reis acredita também que a obrigatoriedade deve valer até a Constituinte, mas em seguida deve cair, para que as pessoas optem por votar ou não.